



Prefeitura Municipal de
Barra Mansa
Estado do Rio de Janeiro

CONCURSO PÚBLICO NÍVEL SUPERIOR MÉDIO E FUNDAMENTAL

PIP53 PROFESSOR I LÍNGUA PORTUGUESA

CADERNO 3
GABARITO 3
APLICAÇÃO TARDE

Aplicação: 28/março

LEIA COM ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES

- 1 - A duração da prova é de 3 horas e 30 minutos, já incluído o tempo de preenchimento do cartão de respostas.
- 2 - O candidato que, na primeira hora de prova, se ausentar da sala e a ela não retornar, será eliminado.
- 3 - Os três últimos candidatos a terminar a prova deverão permanecer na sala e somente poderão sair juntos do recinto, após aposição em ata de suas respectivas assinaturas.
- 4 - Você **NÃO** poderá levar o caderno de questões.

INSTRUÇÕES - PROVA OBJETIVA

- 1 - Confira atentamente se este caderno de perguntas, que contém **50** questões objetivas, está completo.
- 2 - Confira se seus dados e o **cargo** escolhido, indicados no **cartão de respostas**, estão corretos. Se notar qualquer divergência, notifique imediatamente o Fiscal/Chefe Local. Terminada a conferência, você deve assinar o cartão de respostas no espaço apropriado.
- 3 - Verifique se o número do Gabarito e do Caderno de Perguntas é o mesmo.
- 4 - Cuide de seu **cartão de respostas**. Ele não pode ser rasurado, amassado, dobrado nem manchado.
- 5 - Para cada questão objetiva são apresentadas cinco alternativas de respostas, apenas uma das quais está correta. Você deve assinalar essa alternativa de modo contínuo e denso.
- 6 - Se você marcar mais de uma alternativa, sua resposta será considerada errada mesmo que uma das alternativas indicadas seja a correta.

AGENDA

- 28/03/2010, Entrega de títulos ao final da prova.
- 29/03/2010, divulgação do gabarito da Prova objetiva:
<http://concursos.biorio.org.br>
- 30 e 31/03/2010, recursos contra formulação e conteúdos da Prova Objetiva na Internet: <http://concursos.biorio.org.br> até as 17h
- 12/04/2010, divulgação do resultado da análise dos recursos da Prova Objetiva.
- 13/04/2010, divulgação dos candidatos a terem os títulos avaliados.
- Informações:
Tel: 21 3525-2480 das 9 às 17h;
Internet:
<http://concursos.biorio.org.br>
E-mail:
barramansa2010@biorio.org.br
- Posto de Atendimento:
Av. Prof. João Chiesse Filho nº 650 (antigo quartel do exército)
9h às 12h e das 13h30min às 17h





LÍNGUA PORTUGUESA

Blogs, twitter, orkut e outros buracos

Não estou no “twitter”, não sei o que é o “twitter”, jamais entrarei nesse terreno baldio e, incrivelmente, tenho 26 mil “seguidores” no “twitter”. Quem me pôs lá? Quem foi o canalha que usou meu nome? Jamais saberei. Vivemos no poço escuro da web. Ou buscamos a exposição total para ser “celebridade” ou usamos esse anonimato irresponsável com nome dos outros. Tem gente que fala para mim: “Faz um blog, faz um blog!” Logo eu, que já sou um blog vivo, tagarelando na TV, rádio e jornais... Jamais farei um blog,

10 esse nome que parece um coaxar de sapo-boi. Quero o passado. Quero o lápis na orelha do quitandeiro, quero o gato do armazém dormindo no saco de batatas, quero o telefone preto, de disco, que não dá linha, em vez dos gemidinhos dos celulares incessantes.

Comunicar o quê? Ninguém tem nada a dizer. Olho as opiniões, as discussões “online” e só vejo besteira, frases de 140 caracteres para nada dizer. Vivemos a grande invasão dos lugares-comuns, dos uivos de medíocres ecoando asneiras para ocultar sua solidão deprimente.

20 O que espanta é a velocidade da luz para a lentidão dos pensamentos, uma movimentação “em rede” para raciocínios lineares. A boa e velha burrice continua intocada, agora disfarçada pelo charme da rapidez. Antigamente, os burros eram humildes; se esgueiravam pelos cantos, ouvindo, amargurados, os inteligentes deitando falação. Agora não; é a revolução dos idiotas online.

Quero sossego, mas querem me expandir, esticar meus braços em tentáculos digitais, meus olhos no “google”,
30 (“goggles” – olhos arregalados) em órbitas giratórias, querem que eu seja ubíquo, quando desejo caminhar na condição de pobre bicho bípede; não quero tudo saber, ao contrário, quero esquecer; sinto que estão criando desejos que não tenho, fomes que perdi.

O leitor perguntará: “Por que este ódio todo, bom Jabor?” Claro que acho a revolução digital a coisa mais importante dos séculos. Mas estou com raiva por causa dos textos apócrifos que continuam enfiando na Internet com meu nome.

40 Já reclamei aqui desses textos, mas tenho de me repetir. Todo dia surge uma nova besteira, com dezenas de e-mails me elogiando pelo que eu “não” fiz. Vou indo pela rua e três senhoras me abordam – “Teu artigo na Internet é genial! Principalmente quando você escreve: ‘As mulheres são tão cheirosinhas; elas fazem biquinho e deitam no teu ombro...’”

“Não fui eu...”, respondo. Elas não ouvem e continuam: “Modéstia sua! Finalmente alguém diz a verdade sobre as mulheres! Mandei isso para mil amigas! Adoraram aquela parte: ‘Tenho horror à mulher perfeitinha. Acho ótimo celulate...’” Repito que não é meu, mas elas (em geral barangas) replicam: “Ah... É teu melhor texto...” – e vão embora, rebolando, felizes.

Sei que a Internet democratiza, dando acesso a todos para se expressar. Mas a democracia também libera a idiotia. Deviam inventar um “antispam” para bobagens.

(JABOR, Arnaldo. In: WWW.estadao.com.br - 3/11/2009 - com adaptações.)

01 - É correto afirmar que, ao escrever o texto, o autor objetivou:

- (A) apresentar as razões pelas quais odeia acessar a internet;
- (B) justificar a dificuldade de escrever em poucas linhas no *twitter*;
- (C) definir o conceito de democracia na era da revolução digital;
- (D) explicar o motivo pelo qual não escreve para os meios digitais;
- (E) defender o uso de um estilo mais sofisticado no mundo *online*.

02 - Assinale a única opção que está de acordo com a estrutura do texto:

- (A) o primeiro parágrafo introduz o tema central: o saudosismo;
- (B) o segundo parágrafo trata da oposição solidão *versus* silêncio;
- (C) o terceiro parágrafo faz a historiografia do conceito de inteligência;
- (D) o quinto parágrafo transcreve um diálogo travado fora do texto;
- (E) o quarto parágrafo expõe a tensão entre o *eu* e o *outro*.

03 - A relação de sentido estabelecida entre os segmentos não estar no “twitter” e ter 26 mil “seguidores” (L.01-03) denota:

- (A) exagero;
- (B) vaidade;
- (C) paradoxo;
- (D) ratificação;
- (E) ênfase.



04 - Considere as afirmativas:

- I - Segundo o autor, há uma desproporção entre a velocidade com que se difundem ideias no meio digital e a qualidade dessas ideias.
- II - No mundo virtual, como no real, a democracia permite comportamentos contra os quais não se tem controle.
- III - O autor demonstra irritação com a velocidade com que seus textos são divulgados na *internet*, sem haver tempo para reflexões sobre os assuntos abordados.

Assinale a alternativa correta:

- (A) somente as afirmativas I e III estão corretas;
- (B) somente as afirmativas I e II estão corretas;
- (C) somente as afirmativas II e III estão corretas;
- (D) todas as afirmativas estão corretas;
- (E) nenhuma afirmativa está correta.

05 - A função sintática do termo destacado em *só vejo besteira* (L.16) é a mesma da oração sublinhada no item:

- (A) Não sabia se o texto seria divulgado em rede;
- (B) É claro que o blog faz sucesso entre intelectuais;
- (C) O importante é que nada saia diferente do planejado;
- (D) O modo como agimos define quem somos;
- (E) O receio de que a web promoveria solidão foi ultrapassado.

06 - Na frase *mas tenho de me repetir*. (L.40), a regência verbal está de acordo com as normas gramaticais. Marque a opção em que a regência CONTRARIA essas normas:

- (A) Esqueceu de que o texto foi publicado *online*;
- (B) A crônica do jornalista destinava-se ao público em geral;
- (C) Lembrou-se de que não existe censura na *internet*;
- (D) Ele prefere escrever à antiga a escrever bobagens na *web*;
- (E) O jornalista aspira a uma vida mais sossegada.

07 - Na frase *Acho ótimo celulite...*, a concordância nominal está de acordo com o padrão culto, o que **NÃO** ocorre em:

- (A) Julgamos verdadeiros os textos divulgados na *web*;
- (B) O autor defende o comportamento e a atitude éticas;
- (C) Nessas horas, é necessário paciência;
- (D) Levados em conta os argumentos, o autor tem razão;
- (E) Opiniões polêmicas podem nos custar caro.

08 - No texto, o segmento entre parênteses no sexto parágrafo tem função de:

- (A) introduzir um argumento contrário à tese;
- (B) camuflar uma ironia contra internautas;
- (C) definir um termo de uso generalizado;
- (D) enfatizar o uso errado da expressão;
- (E) destacar uma palavra estrangeira.

09 - Assinale o item em que o emprego do pronome relativo **NÃO** está de acordo com as normas gramaticais:

- (A) Ele esqueceu a senha onde costumamos entrar na rede;
- (B) Tenho amigos por cujas dicas de informática me oriento;
- (C) Os amigos a quem enviamos mensagens são parisienses;
- (D) É um fenômeno cujos efeitos só conheceremos no futuro;
- (E) Não deixo de atualizar a página que você sempre acessa.

10 - A única afirmativa correta sobre o período *Quero sossego, mas querem me expandir* (L.28) é:

- (A) O período organiza-se por coodenação;
- (B) O sujeito da segunda oração é composto;
- (C) O pronome *Me* é complemento nominal;
- (D) A voz verbal de ambas as orações é passiva;
- (E) *Sossego* é objeto indireto do verbo “querer”.

11 - A oração reduzida *ouvindo, amargurados, os inteligentes* (L.25) tem valor semântico de:

- (A) causa;
- (B) modo;
- (C) concessão;
- (D) finalidade;
- (E) condição.

12 - Considerando o texto, é INCORRETO afirmar que:

- (A) semanticamente, o verbo “ter” em *Tem gente que fala para mim* não indica “posse de algo”, mas sim “existência de algo ou de alguém”;
- (B) o duplo emprego da conjunção coordenativa *ou* informa que as ideias *exposição/anonimato* são inclusivas;
- (C) o emprego do pronome *esse* (L.10) está de acordo com as normas porque se refere a um substantivo já mencionado: *blog*;
- (D) a oração subordinada adjetiva *que perdi* (L.34) tem função de restringir o sentido da palavra *fome*;
- (E) a forma verbal destacada em *e vão embora, rebolando, felizes* pode ser substituída, sem prejuízo da frase, por “a rebolar”.

13 - A palavra destacada em *querem que eu seja ubíquo* (L.31) é sinônima de:

- (A) onipotente;
- (B) onicomante;
- (C) onividente;
- (D) onisciente;
- (E) onipresente.



14 - No texto, **NÃO** tem emprego figurado a expressão:

- (A) *terreno baldio* (L.02);
- (B) *gemidinhos dos celulares* (L.14);
- (C) *tentáculos digitais* (L.29);
- (D) *poço escuro* (L.05);
- (E) *mulher perfeitinha* (L.50).

15 - Segundo a norma culta escrita, há ERRO quanto à colocação pronominal na frase:

- (A) Recusou a ajuda que ofereceram-lhe espontaneamente;
- (B) Na vida real, custar-me-ia crer numa notícia como essa;
- (C) Ninguém lhes informou o resultado da votação;
- (D) Quando o chamaram, retiramo-nos da reunião;
- (E) Deixe-as entrar, pois não quero mais problemas.

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO/LEGISLAÇÃO

16 - As conquistas da classe trabalhadora, tanto nas relações de trabalho, como no acesso à escola, não resultam da simples existência das contradições, nem representam um avanço apenas resultante do aproveitamento das *brechas* deixadas pela burguesia. Elas resultam, sobretudo, da organização da classe trabalhadora na luta por seus interesses. Nesse sentido, a discussão final do trabalho da escola sobre a dimensão política e técnica da prática educativa deve se articular:

- (A) aos interesses da gestão capitalista;
- (B) aos interesses da classe trabalhadora;
- (C) aos interesses opostos ao pequeno burguês;
- (D) à mais-valia;
- (E) aos interesses da classe dominante.

17 - A concepção de conhecimento presente na metodologia expositiva é aquela em que o aluno é visto como uma *tábula rasa*, na qual, desde que ele preste atenção e o discurso seja claro e lógico, o professor conseguirá transferir o saber para o cérebro do aluno.

Essa visão de educação tem seu fundamento na seguinte concepção filosófica:

- (A) associacionista;
- (B) sócio-histórica;
- (C) ambientalista;
- (D) empirista;
- (E) inatista.

18 - Na relação da Escola com a sociedade, compreende-se a educação como a *alavanca* do desenvolvimento e do progresso. Uma frase-resumo desse entendimento pode ser: "*O Brasil é um país atrasado porque a ele falta Educação; se dermos Educação a todos os brasileiros, o país sairá do subdesenvolvimento*".

Refletindo sobre esses dados, é correto concluir que essa concepção:

- (A) é otimista, mas ao mesmo tempo, ingênua, por atribuir à escola uma autonomia absoluta na inserção social e na capacidade de extinguir a pobreza;
- (B) é pessimista, pois não valoriza a Escola e é a que exprime o processo "*deixar como está*";
- (C) está bastante presente no cotidiano pedagógico, atribuindo à escola um papel político de pouca relevância;
- (D) atribui um otimismo ingênuo à sociedade, entendendo a escola como politicamente interessada na manutenção da desigualdade social;
- (E) atribui à Educação a tarefa primordial de servir ao poder e de não atuar no âmbito global da sociedade.

19 - Cada sociedade possui seu *ethos*, ou se compõe de um conjunto de *ethos*. Os papéis sociais têm seu fundamento no *ethos* de uma sociedade. Nesse sentido, quando se fala em conjunto de *ethos*, deseja-se referir a:

- I - uma reflexão crítica sobre a moralidade, independente da dimensão moral do comportamento do homem;
- II - um desempenho, ao dever fazer do educador;
- III - à sociedade burocrática e à política que a sustenta;
- IV - jeitos de ser, que conferem um caráter a uma organização social.

Está correto o que se afirma em:

- (A) I e II;
- (B) II, apenas;
- (C) IV, apenas;
- (D) III e IV;
- (E) III, apenas.

20 - Neidson Rodrigues (1985) diz que a filosofia é análoga a um farol e não a um indicador de caminhos. Esse autor, simbolicamente, quis dizer que:

- (A) o farol tem a função de iluminar caminhos, que podem ser múltiplos, para que se alcancem os objetivos;
- (B) o farol é algo concreto e que emite luz para os navegantes localizarem cardumes;
- (C) o farol faz parte dos recursos de uma sociedade contemporânea que tem por base fazer o conhecimento pela imagem;
- (D) o farol possibilita a visão do trabalho numa perspectiva tradicional que assegura a obtenção de respostas já comprovadas;
- (E) o farol, por ser muito antigo, permite a leitura histórica da sociedade.



21 - A implementação do sistema de ciclos no currículo escolar veio exigir um maior envolvimento de todos os que conduzem o dia-a-dia da escola e sua relação com o processo ensino-aprendizagem e, em especial, do professor e dos pais.

Entre outras vantagens que a adoção do sistema de ciclos trouxe, uma se destaca na lógica da avaliação e do desenvolvimento, a saber:

- (A) os tempos e espaços da escola são postos a serviço de novas relações de poder entre o aluno e o professor;
- (B) trata-se simplesmente de uma solução pedagógica, visando a eliminação da seriação;
- (C) a eliminação da avaliação, possibilitando o acesso automático do aluno em todas as anos escolares do ensino fundamental;
- (D) atende à lógica política somente, na eliminação e retenção de alunos reprovados nos anos do ensino fundamental;
- (E) desqualifica o papel do professor de reprovar seus alunos, considerado-os incapazes de terem acesso ao ano escolar seguinte.

22 - Gerir uma escola reflexiva é gerir uma escola com projeto. Nesse sentido, a escola reflexiva tem a capacidade de se pensar para se projetar e desenvolver. Dentre as variáveis que sintetizam o que vem a se constituir em uma escola reflexiva, podem ser citadas as seguintes, EXCETO:

- (A) liderança efetiva e orientada no sentido da melhoria da educação;
- (B) participação relativa da família, de acordo com as necessidades de implementação dos projetos como festas e encontros;
- (C) clima da escola ordenado e disciplinado;
- (D) promoção, continuidade e oportunidade de formação para os professores;
- (E) coordenação entre os níveis e sentimento de vinculação à escola.

23 - A Educação de Jovens e Adultos tem por finalidade propiciar a todos a atualização de conhecimentos. Sua função é:

- (A) qualificadora;
- (B) reparadora;
- (C) equalizadora;
- (D) mantenedora;
- (E) edificadora.

24 - São práticas que podem ser desenvolvidas para a construção de uma escola pluralista, autônoma e competente, que articule a diversidade cultural dos alunos com seus próprios itinerários educativos, EXCETO:

- (A) fortalecer grupos que trabalham com currículos multiculturais, impulsionando o movimento emergente de valorização da cultura local, notadamente a cultura indígena, a cultura afro-brasileira e a dos imigrantes;
- (B) incentivar as escolas – públicas e privadas- para que façam mudanças nos seus currículos, incluindo temas como direitos humanos, educação ambiental, educação para a paz, discriminação racial e cultura popular;
- (C) recuperar os códigos linguísticos das próprias comunidades desde o processo de alfabetização, como meio de auto-estima;
- (D) promover a autonomia da escola na elaboração de seus currículos, pois somente com autonomia a escola poderá fazer as mudanças desejadas;
- (E) elaborar currículos monoculturais, direcionando os conteúdos, especificamente, à clientela com divergências culturais para aceitem a nova cultura como sua.

25 - No atual contexto brasileiro, ressurgiu a necessidade de se discutir o paradigma da educação popular, evidenciando sua potencialidade frente à concepção dominante de educação que reforça, na prática, a exclusão social e a não solidariedade humana. Ao fim dos anos 50, tivemos duas tendências bem significativas da educação popular. Essas tendências são conhecidas como:

- (A) educação tradicional e educação conscientizadora;
- (B) educação libertadora e educação profissional;
- (C) educação libertadora e educação tradicional;
- (D) educação tecnicista e educação profissional;
- (E) educação não-formal e educação tradicional.



CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

TEXTO I

Despetalando a flor do Lácio

“Despetalando” está correto, tenho praticamente certeza. Não acredito que um filólogo desalmado tenha resolvido que aí vai um hífen. Não, não vai, não é despetalar. “Flor” e “Lácio” continuam, uma sem acento, outro com acento. Portanto, cem por cento em meu primeiro título na ortografia nova, brilhei mais uma vez. Isso, contudo, não me aplaca o nervosismo. Deve ser a idade, porque já encarei algumas reformas ortográficas nesta curta existência e me saí satisfatoriamente, mesmo no tempo em que a gente tinha que grafar “tôda” com circunflexo, para distinguir de “toda”, que ninguém sabia o que era, embora, no ver de alguns, fosse uma ave amazônica pouco sociável, ou, segundo outros, uma exortação obscena de origem xavante. Acho que esse ponto nunca será esclarecido (de qualquer forma, cartas de esclarecimento para o editor, por caridade) e constituirá mais uma das graves interrogações sem cujas respostas minha geração deixará este mundo.

Quando me peguei lendo, a maior parte da
20 livraram de meu pai era na orthographia antiga e havia livros portugueses com suas próprias normas. Apesar de leitor fominha que, mesmo sem entender nada, traçava o que aparecesse, levei semanas para compreender que “augmentar” era “aumentar”. Mas me acostumei e sempre transitei bem nessa área, para alguma coisa eu tinha que levar jeito. Chefeei redação no tempo da abolição do acento diferencial e dedicava grande parte do meu tempo a explicar que, de então em diante, não se escreveria “voce”, mas “você” mesmo, como sempre. Foi difícil, muito mais difícil do que qualquer um imaginaria, tratando-se de gente instruída e, em muitos casos, talentosa.

Uma amiga minha sustenta que tudo vem de trauma da infância e eu tendo a concordar com ela. Sei de traumas profundos, carregados por amigos meus sob o jugo – o que, graças a Deus, não foi meu caso – de professores de português dogmáticos e caturras, que entupiam todos de regras quase impenetráveis e só podiam com isso instilar ódio e temor pela língua e pelo que nela é escrito. Para muitos, livros são dolorosas memórias de
40 torturas.

E as reformas sempre levam alguma coisa com elas. Já haviam feito isso com o K, o W e o Y, agora reabilitados, se bem que nunca de fato o povo os haja banido, aí estando o Kílo, o Waldir e o Ruy, que não me deixam mentir e nem ao menos caíram na clandestinidade, mas continuaram a circular com grande liberdade. Levaram a indicação da subtônica também, aquela que, por exemplo, marcava com acento grave palavras como “precariamente” e mostrava a existência subtônica (“cà”). Mas, segundo eu soube, nem precisamos (precisamos, sim), nem temos condição de exigir que as subtônicas se pronunciem, tudo bem, não estamos à altura.

Por mim, tenho trauma do trema. Ontem me disseram que fui visto com o olhar distante, em frente a este monitor, sacudindo lentamente a cabeça e murmurando “não me conformo, não me conformo”. Não me recorde disso, pode perfeitamente ser uma invenção, mais uma das anedotas apócrifas que contam sobre nós, celebridades internacionais. Mas a verdade é
60 que não me conformo não somente com a saída do trema e suas temíveis consequências (em breve alguém lerá aí “conseqüências”, assim como chegará o dia em que um simpático alemão que veio morar no Brasil nos perguntará, com sotaque ainda carregado, onde poderá comprar “linghiças”, raio de língua difícil, depois reclamam do alemão). Não posso igualmente aceitar a maneira semcerimoniosa com que ele foi humilhantemente defenestrado, depois de tanto tempo de serviços prestados. Expulso sem nem um relógio folheado a ouro de lembrança, uma plaquinha sequer.

(RIBEIRO, João Ubaldo. Jornal “O Globo”, p. 7, 04/01/90)

26 - No primeiro parágrafo do texto I, apresenta-se implícito certo tom crítico em relação a uma das reformas ortográficas brasileiras porque:

- (A) reformas ortográficas postas em prática em curto espaço de tempo geraram confusões e nervosismo entre profissionais da linguagem;
- (B) o emprego de acentos, mais do que o uso de hífen, é um dos pontos mais obscuros da proposta de reforma e poucos sabem realmente como proceder;
- (C) filólogos, por desalmados, propõem reformas que nem sempre consideram o grau de dificuldade dos falantes em relação à ortografia que se deseja mudar;
- (D) o desconhecimento da língua xavante implicou graves interrogações que permaneceram sem resposta ao longo de toda uma geração;
- (E) vocábulos cujos diferentes significados, por vezes, eram desconhecidos tinham de ser diferenciados por meio de acento.

27 - Sobre a estruturação sintática do trecho *Uma amiga minha sustenta que tudo vem de trauma da infância e eu tendo a concordar com ela. Sei de traumas profundos, carregados por amigos meus sob o jugo – o que, graças a Deus, não foi meu caso – de professores de português dogmáticos e caturras*, analise as seguintes afirmativas:

- I - A segunda oração do trecho é introduzida por um pronome relativo invariável que exerce a função de sujeito.
- II - O sintagma preposicional *por amigos meus* exerce papel de argumento subordinado ao núcleo verbal *carregar*.
- III - Antes da conjunção *e* poderia ocorrer vírgula porque os sujeitos das orações coordenadas são distintos.

Assinale a alternativa correta:



- (A) somente as afirmativas I e II estão corretas;
- (B) somente as afirmativas II e III estão corretas;
- (C) todas as afirmativas estão corretas;
- (D) somente a afirmativa I está correta;
- (E) somente a afirmativa II está correta.

28 - Na frase *constituirá mais uma das graves interrogações sem cujas respostas minha geração deixará este mundo*, o pronome relativo foi empregado de forma padrão. Com relação a essa estrutura sintática, apresenta-se como exemplo de emprego variável típico da língua oral o item:

- (A) Esta é a bolsinha com que ela ia sempre pra faculdade.
- (B) Ali ficava o rádio que meu velho pai gostava ouvir todo santo dia.
- (C) Era ele quem sempre chegava em casa trazendo pão fresquinho.
- (D) O escritor que todos esperavam sua chegada lançou um livro infantil.
- (E) Não conheço a tese da qual tanto falaram na palestra dessa tarde.

29 - Sobre as modalidades de texto está correto o pressuposto de que:

- (A) textos na modalidade escrita estão mais próximos do padrão normativo;
- (B) textos na modalidade oral equacionam-se a modelos de informalidade;
- (C) textos na modalidade escrita constituem exemplos de norma literária padrão;
- (D) textos na modalidade oral não obedecem a normas e regras gramaticais;
- (E) textos na modalidade escrita são impermeáveis à variação no nível sintático.

30 - Quanto às estruturas morfológicas dos trechos destacados, assinale a opção INCORRETA:

- (A) na palavra grifada em *alguém lerá aí* ocorre morfema zero na indicação de número e pessoa;
- (B) em *marcava*, o elemento sublinhado constitui o tema do paradigma flexional do verbo **marcar**;
- (C) o morfema flexional presente no verbo *tratando* constitui uma forma presa;
- (D) o -s dos vocábulos *livros* e de *profundos* são morfemas gramaticais;
- (E) os morfemas flexionais presentes nos vocábulos *plaquinha* e *livrama* são de mesma natureza.

31 - No fragmento *professores de português dogmáticos e caturras* (L.36), as palavras em destaque assumem o sentido de:

- (A) dominadores e ativos;
- (B) autoritários e teimosos;
- (C) magoados e vingativos;
- (D) verdadeiros e idosos;
- (E) religiosos e metódicos.

32 - Assinale a opção INCORRETA quanto à análise da palavra QUE:

- (A) *aquela que, por exemplo, marcava com acento grave palavras como “precàriamente”* – pronome relativo;
- (B) *mesmo sem entender nada, traçava o que aparecesse* – pronome relativo;
- (C) *nem temos condição de exigir que as subtônicas se pronunciem* – conjunção integrante;
- (D) *a gente tinha que grafar “tôda” com circunflexo* – conjunção integrante;
- (E) *Ontem me disseram que fui visto com o olhar distante* – conjunção integrante.

33 - O morfema -inha, na palavra *plaquinha*, tem valor diminutivo. Assinale a opção em que ocorra valor semelhante:

- (A) Fotografaram a atleta com uma carinha de vitória.
- (B) Jamais lerei essa escritorzinha de best-seller.
- (C) A saída fica atrás daquela portinha azul.
- (D) O trabalho foi feito agorinha pelo grupo.
- (E) A mãe mima a filhinha de quase trinta anos.



TEXTO II

Minha pátria é a língua portuguesa

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me fazem chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa selecta, o passo celebre de Vieira sobre o Rei Salomão, "Fabricou Salomão um palacio..." E fui lendo, até ao fim, tremulo, confuso; depois rompi em lagrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquelle movimento hieratico da nossa clara lingua majestosa, aquelle exprimir das idéas nas palavras inevitaveis, correr de agua porque ha declive, aquelle assombro vocalico em que os sons são cores ideaes - tudo isso me toldou de instincto como uma grande emoção politica. E, disse, chorei; hoje, relembro, ainda choro.

15 Não é - não - a saudade da infancia, de que não tenho saudades: é a saudade da emoção d'aquelle momento, a magua de não poder já ler pela primeira vez aquella grande certeza symphonica.

Não tenho sentimento nenhum politico ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriotico. Minha patria é a lingua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com odio verdadeiro, com o unico odio que sinto, não quem escreve mal portuguez, não quem não sabe syntaxe, não quem escreve em orthographia simplificada, mas a pagina mal escripta, como pessoa própria, a syntaxe errada, como gente em que se bata, a orthographia sem ípsilon, como escaror directo que me enoja independentemente de quem

30 o cuspiisse.

Sim, porque a orthographia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-m'a do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.

(SOARES, Bernardo /Fernando Pessoa. <http://pt.wikisource.org>)

34 - Ao apresentar os textos I e II em sala de aula, o professor poderá conduzir os alunos a refletir sobre língua e usos sociais, levando-os a concluir adequadamente que:

- (A) a língua portuguesa que aqui chegou à época da colonização foi perdendo a pureza que a tornava peculiar entre as demais línguas românicas;
- (B) escrever de forma inadequada à ortografia oficial não constitui um problema, já que o importante é comunicar o pensamento;
- (C) a pobreza e a imprecisão da expressão verbal residem exatamente na incapacidade de o indivíduo acompanhar as rápidas mudanças no sistema de escrita ortográfica;
- (D) aprender ortografia é uma tarefa difícil porque não se tem certeza sobre a origem e o significado preciso dos vocábulos de uma língua natural, como ocorre com a expressão *veste-m'a*;
- (E) o registro escrito de uma língua natural passa por etapas, e algumas palavras podem mudar de forma, mas seus significados se mantêm.

35 - De acordo com as ideias expressas no texto II, é INCORRETO afirmar que:

- (A) a língua e a ortografia são tomadas como seres animados;
- (B) o patriotismo verdadeiro provém do amor pela ortografia;
- (C) a ortografia é o traje solene e sagrado das palavras;
- (D) o registro escrito confere completude à palavra falada;
- (E) uma invasão a Portugal é menos odiosa que o erro ortográfico.

36 - Fernando Pessoa revela a forte emoção despertada pela leitura. Sobre as atividades com o texto literário na escola, é correto defender:

- (A) a articulação entre leitura/ensino da literatura, afastando a premissa de que o texto literário é modelar e elabora-se como saber especializado;
- (B) o fato de que a leitura em voz alta é fundamental para que o professor transmita toda a emoção construída a partir da intencionalidade do autor;
- (C) a análise aprofundada da intersemiose do texto literário com vistas a marcar a diferença entre o lugar dos clássicos e o lugar dos textos menores, no conjunto da produção artística;
- (D) o afastamento da perspectiva multidisciplinar em favor da construção do conceito de literatura como área fim e não meio;
- (E) a oferta de uma variedade de textos literários como principal estratégia para o ensino de diferentes estruturas sintáticas a fim de apoiar as tarefas de redação.

Texto III

Língua Portuguesa: uma paixão

Eu estava fazendo uma conferência no Rio de Janeiro sobre Álvares de Azevedo, a minha paixão na escola romântica paulista, e lá estava, assistindo à conferência, Carlos Drummond de Andrade, quando um jovem interferiu: - Dona Lygia, a senhora disse que Castro Alves morreu com 24 anos, Álvares de Azevedo com 21, Fagundes Varela, completamente em convulsões, delirium tremens e tal, com 33 anos, Gonçalves Dias, o indianista extraordinário, esse um pouco mais velho, aos 42 ou 43 anos, num naufrágio; e sem esquecer Casimiro de Abreu: "Ai que saudades que eu tenho da aurora da minha vida..."

20

Então, o rapaz perguntou: - A senhora não está exagerando? - Eu disse: - Exagerando como, meu jovem? Isso é a própria conferência que eu estou fazendo no Rio de Janeiro. Ele disse: Mas, dona Lygia, todos eles morreram assim novinhos? A senhora não está dando um pouco de ênfase excessiva? - Dei uma risada e respondi: - Eu lamento, mas morreram todos com essa idade assim, mais ou menos jovensíssimos, como diria Mário de Andrade em relação ao Azevedo, esse, então, morreu virgem - 21 anos: - Era virgem - dizia Mário de Andrade, e eu acredito.



Carlos Drummond achou muita graça naquela intervenção desse moço e, quando terminou a conferência, ele me disse: - Lygia, eu vou dar um nome para essa escola: “a escola do morrer cedo”. Beleza! Não é? Só um poeta poderia dar um nome tão lindo para a escola romântica. Então, voltando, “a escola do morrer cedo”, o romantismo, antes, esses poetas. Em seguida, vem a escola parnasiana, eram os poetas mais bem penteados, a gravata no lugar, mais limpinhos, mais arrumados. Escola parnasiana – Olavo Bilac. Assim, dizia eu que, quando era muito menina, li esse soneto de Olavo Bilac: “Última flor do Lácio inculca e bela, que é, a um só tempo, esplendor e sepultura...”, e fiquei impressionada. Então, a língua na qual eu vou escrever (já tinha minhas ambições, eu teria 10, 12 anos, por aí) é esta língua, esplendor e sepultura? Vou escrever numa língua que é sepultura? Fiquei muito impressionada e fui falar com o meu pai, meu pai tinha

40 que resolver as questões todas.

- Papai, que negócio é esse, então, essa língua...? Por que você com mamãe não foram ter esta pobre menina na França, na Inglaterra? Eu escreveria em francês, escreveria... – Olha a colonizada! Menina colonizada! Eu queria era a língua do Primeiro Mundo. Meu pai disse: - Minha filha, se você chegar a escrever bem um dia, e eu espero que sim (os pais têm tanta confiança na gente, não é?) não precisa ser francês, alemão, espanhol. Você ficará na nossa língua mesmo. – Mas esplendor e sepultura, papai? – É isso mesmo. Vai dormir, vai fazer sua lição e chega. – Meu pai encerrava as coisas também assim. Pronto.

Muito tempo depois, estava eu na Faculdade de Direito, já estudante, já escrevendo os meus primeiros contos, quando voltei ao soneto de Bilac, porém voltei com uma outra força e com uma outra interpretação: é que eu estava gostando da minha língua, estava gostando desta língua portuguesa. Estava me apaixonando por ela, enquanto escrevia meus textos, pelos quais me apaixonava.

60 Eu escrevia com paixão. Língua portuguesa – uma paixão! Eu escrevia com paixão. Relendo esse soneto de Olavo Bilac, deparei com o verso que me turbilhonou, completamente: “Última flor do Lácio inculca e bela, que é, a um só tempo, esplendor e sepultura”. Em seguida: “Amo-te assim, desconhecida e obscura”. Aí comecei a chorar, porque achei aquilo tão belo. Amo-te assim, exatamente, a língua desconhecida e obscura. Obscura! Meu pai não vivia mais, pra eu lhe fazer essas confissões. Me apaixonei pela língua, e nesta paixão e, com esta paixão, estou vivendo até hoje. Me perguntam, às vezes: - Se você não pudesse mais escrever, você morreria? – Eu respondo: - Não morreria, mas ficaria tão triste, que seria como se tivesse morrido.

(TELLES, Lygia Fagundes. Palestra proferida na sede do Centro de Integração Empresa-Escola de São Paulo, 31/03/1999 – fragmento.)

37 - Lygia Fagundes Telles faz referência a duas diferentes abordagens do poema de Bilac. Sobre a atividade de compreensão de textos nos manuais didáticos, Luiz Antônio Marcuschi afirma que “os exercícios de compreensão constituem a evidência mais clara da perspectiva impositiva da escola. Ali os textos dão impressão de serem monosssemânticos e os sentidos únicos.” Essa perspectiva considera a leitura uma atividade que envolve exclusivamente:

- (A) identificação de conteúdos;
- (B) ativação de implícitos e inferências;
- (C) busca de conhecimentos externos ao texto;
- (D) processo de interação leitor-texto;
- (E) testagem de hipóteses.

38 - O texto III incorpora aspectos sintáticos típicos da modalidade oral da língua, um deles exemplificado no seguinte trecho:

- (A) *Muito tempo depois, estava eu na Faculdade de Direito, já estudante.*
- (B) *Me apaixonei pela língua, e nesta paixão e, com esta paixão, estou vivendo até hoje.*
- (C) *Carlos Drummond achou muita graça naquela intervenção desse moço;*
- (D) *Por que você com mamãe não foram ter esta pobre menina na França, na Inglaterra?*
- (E) *Relendo esse soneto de Olavo Bilac, deparei com o verso que me turbilhonou, completamente.*

39 - Considerando as modificações verificadas nas consoantes fricativas em posição final de sílaba e a emissão de palavras como **gostava** e **desdouro**, é possível extrair a premissa fonêmica de que os sons:

- (A) são capazes de se organizar num sistema, mas não distinguem palavras;
- (B) representam arquifonemas de um mesmo alofone em contextos variados;
- (C) tendem a ser modificados pelo contexto em que se encontram;
- (D) sibilam mais fortemente em função da distribuição complementar;
- (E) constituem usos livres, assistemáticos e mudam de língua para língua.



40 - No texto de Lygia Fagundes Telles observa-se variado emprego de pronomes - subclasse da classe dos nomes. Tradicionalmente, o pronome é definido pela propriedade de substituir o nome, o que **NÃO** se confirma na substituição proposta no item:

- (A) Pessoas aprendem rápido/ Todos;
- (B) Pedro estuda literatura/ Alguém;
- (C) Poesia é bom/ Isso;
- (D) Amigos me deram o livro/ Meus;
- (E) José ilustrou a capa/ Ele.

41 - Marque a afirmativa correta quanto à análise sintática tradicional de fragmentos transcritos do texto III:

- (A) em *Estava me apaixonando por ela, enquanto escrevia meus textos, pelos quais me apaixonava*, o pronome relativo exerce a mesma função sintática de seu antecedente;
- (B) em *Aí comecei a chorar, porque achei aquilo tão belo*, *comecei* é verbo principal com valor incoativo e *belo* é núcleo do adjunto adnominal;
- (C) o período *Então, o rapaz perguntou: - A senhora não está exagerando?* exemplifica o emprego do discurso direto, e a oração que se segue aos dois pontos é subordinada substantiva apositiva;
- (D) o período *Muito tempo depois, estava eu na Faculdade de Direito* contém, na ordem, adjunto adverbial deslocado, núcleo do predicado verbal, sujeito, adjunto adverbial;
- (E) no período *Não morreria, mas ficaria tão triste, que seria como se tivesse morrido*, a terceira oração é subordinada adverbial comparativa.

42 - Em *Meu pai não vivia mais, pra eu lhe fazer essas confissões*, na forma grifada **NÃO** se identifica:

- (A) economia linguística;
- (B) exemplo de regionalismo;
- (C) registro informal;
- (D) contribuição da fala;
- (E) abreviação vocabular.

TEXTO IV Idioma e identidade nacional

Na era contemporânea adotamos do francês milhares – sim, milhares – de termos consagrados do dia-a-dia, como paletó, boné, telefone. Do chinês, nanquim, chá, tufão. Do malaio, bule, junco, orangotango. Do persa, azul, berinjala, caravana, divã, chalé, gaze, laranja, paraíso, quiosque, taça. Do espanhol, entre muitas, aficionado, avançar, amolar. Do italiano usamos afresco, agüentar, baronesa, boletim, canalha, empresa, gazeta, soneto. Do japonês, a quem demos também nossa contribuição, registrada aqui pelo nosso ministro Rafael Greca, herdamos biombo, gueixa, leque, samurai, quimono e tatame – muitos vocábulos da culinária. Do inglês, principalmente via Estados Unidos, têm vindo contribuições que nos enriquecem o vocabulário e empobrecem o patrimônio: debênture, dumping, cheque, trustee, warrant (temos até o verbo warrantar...), royalty (esta compreensivamente mais usada no plural, royalties) etc.

O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa recém-incorporou a palavra manager, aqui traduzida como empresário, administrador, gerente. No caso particular desta expressão, é bom lembrar que os colonizadores sempre introduzem no vernáculo palavras definidoras da hierarquia. Os tupis, que falavam tuxaua e morubixaba, aprenderam, com os portugueses, a dizer senhor, dom, capitão-mor, registrando a nova hierarquia que se impunha. Quem sabe a substituição da palavra gerente ou administrador também seja um sinal dos tempos, da nova hierarquia que a globalização estabelece?

A língua também se renova em virtude de alterações na estrutura econômica e organização social, assim como por influência das novas gerações. Já não usamos desquecido por aborrecido, delirar por afastar-se, desviver por morrer, nem dizemos chofer (e muito menos o alternativo cinesíforo), mas motorista; usamos segurança e não guarda-costa ou capanga ou jagunço; táxi em vez de carro de praça; avião em lugar de aeroplano; pose e não mais chapa; filme, não fita. Mais um pouco e estas e outras expressões ou palavras como televisor, aparelho de som (que as lojas chamam de system), serão vetustos arcaicos. Garagem perdeu o sentido de oficina mecânica para ser, exclusivamente, o lugar onde se guardam carros e, pelo andar da carruagem, será substituída por vaga. "As palavras aposentam-se", disse Machado de Assis. A língua é, portanto, viva e mudável. Os grandes escritores que lustraram o português acolheram e difundiram novidades. Graciliano Ramos, um mestre do vernáculo, usa, no romance *Angústia*, as palavras bureau, smoking, limousine, todas sublinhadas para demonstrar o estrangeirismo. Mesmo Castro Alves, na minha modesta opinião o maior poeta do Brasil, rei das epígrafes em francês e latim, utiliza, em *Espumas Flutuantes*, embora excepcionalmente, hatchiz — talvez uma forma de haxixe importada do francês haschisch.

Mas é hora de retomar antigas cruzadas e pelear num movimento nacional para exaltação e defesa da língua portuguesa.

(REBELO, Aldo. www2.camara.gov.br - fragmento)



43 - Marque a frase transcrita do texto IV que melhor exemplifica o postulado bakhtiniano de que todo texto é polifônico:

- (A) *sim, milhares* (L.02);
- (B) *Garagem perdeu o sentido de oficina mecânica* (L.41);
- (C) *na minha modesta opinião* (L.50-51);
- (D) *A língua também se renova* (L.30);
- (E) *A língua é, portanto, viva e mudável* (L.44-45).

44 - No contexto do primeiro período do terceiro parágrafo do texto IV, observa-se que a palavra *língua* foi empregada com o mesmo valor de:

- (A) ortografia;
- (B) léxico;
- (C) sistema;
- (D) gramática;
- (E) sintaxe.

45 - A principal estratégia argumentativa de que o autor do texto IV lança mão para defender sua tese é:

- (A) o dado numérico;
- (B) a comparação;
- (C) a narrativa histórica;
- (D) a exemplificação;
- (E) o discurso autoritário.

46 - A palavra *recém-incorporou* (L.20) representa um uso variável no português brasileiro porque:

- (A) constitui exemplo de palavra composta;
- (B) contém um elemento de composição;
- (C) pertence ao conjunto das palavras oxítonas;
- (D) ocorre também na forma *incorporou recém*;
- (E) apresenta hífen na sua formação.

TEXTO V
Aula de português

A linguagem
na ponta da língua,
tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, equipáticas,
atropelam-me, aturdem-me, seqüestram-me.

Já esqueci a língua em que comia,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o outro, mistério.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. In:
WWW.portalsaofrancisco.com.br)

47 - Assinale a alternativa que nomeia a figura de linguagem presente na terceira estrofe do texto V:

- (A) quiasmo;
- (B) comparação;
- (C) prosopopeia;
- (D) hipérbato;
- (E) anacoluto.

48 - Marque o item em que se identifica, contemporaneamente, um dos aspectos morfossintáticos tipificadores da distância entre o “português do professor Carlos Góis” e o português não-escolar:

- (A) Oposição A GENTE e AGENTE no registro do pronome de referência indeterminada.
- (B) Correção da grafia de locuções como DE REPENTE, que tendem a ser escritas como uma palavra única.
- (C) Cruzamento de vícios da internet para o texto escolar, como é o caso do emprego de MIGUXO, NAUM etc.
- (D) Ensino do SE como pronome apassivador em vez de pronome indeterminador, em frases como LÊ-SE LIVROS.
- (E) Proibição do uso dos marcadores conversacionais AÍ e ENTÃO nas narrativas.



49 - Acerca das concepções de língua implícitas no texto, é correto dizer que:

- (A) A variedade linguística oferecida na escola, embora seja superior às demais, apresenta, para muitos falantes, estruturas distanciadas da língua que usam para interagir em seu meio familiar;
- (B) As modalidades falada e escrita da língua, em certos contextos linguísticos e sociais brasileiros, representam verdadeira situação de diglossia, o que facilita o processo de ensino/aprendizagem;
- (C) A concepção de língua portuguesa como mistério acessível a poucos já está superada tanto na formação do professor quanto nas escolas básicas, como atestam as pesquisas;
- (D) A modalidade escrita selecionada pela escola, do ponto de vista sociolinguístico, é a mais adequada ao ensino porque se conforma ao postulado de que toda língua varia diafasicamente;
- (E) As concepções de língua como padrão normativo e de língua como uso têm em comum o fato de em ambas se poder reconhecer a noção de sistema linguístico, que lhes confere suporte.

50 - A norma gramatical admite dupla possibilidade de concordância verbal na seguinte frase:

- (A) Houve erros e acertos no processo de avaliação.
- (B) Ele é um dos poetas que mais falam da vida cotidiana.
- (C) Faz anos que não vou à cidade natal desse escritor.
- (D) Chegaram novos livros para a biblioteca.
- (E) Nessa tese, trata-se de assuntos ligados à estética.



Concursos

BIORIO CONCURSOS

Av. Carlos Chagas Filho, 791 - Cidade Universitária - Ilha do Fundão – RJ

Central de Atendimento: (21) 3525-2480

Internet: <http://concursos.biorio.org.br>

E-mail: Barramansa2010@biorio.org.br